

# Dois Caderno

## Eventos

O baile de forró do Clube da Terceira Idade, neste sábado, com início às 22 horas, contará com a animação musical de Sergio e sua Banda, de Osvaldo Cruz. E amanhã, acontece o Encontro Regional da Terceira Idade, com a participação de delegações de várias cidades e baile com a Banda Brisa, de Bauru.

## Coluna Reminiscência

Ariovaldo Izac

### Bernardo, da enxada para respeitado empresário

No dia 20 de abril o ex-volante Bernardo, um dos 'Menudos do Morumbi' de 1986, vai completar 53 anos de idade, e de certo vai refletir como o destino o transformou da água para o vinho. De enxada nas mãos, em fazenda nos arredores da cidade de Franca (SP), na infância, para próspero empresário de futebol, com trânsito livre no exterior.

Nos campos de zona rural, Bernardo já mostrava bom domínio de bola como ponta-de-lança, despertando interesse dos integrantes das categorias de base da Francana, que o levaram para o juvenil. Sabe-se lá por quais motivos trocou a Francana pelo Marília. Ai, rapidamente foi promovido ao profissional, porém com desconfiança de alguns pelo estilo lento.

Ainda no Marília, Bernardo foi recuado à função de volante, e não recaiu sobre ele qualquer culpa pelo rebaixamento da equipe à segunda divisão paulista, em 1985. Daquele elenco, comandado pelo saudoso treinador Zé Duarte, apenas o ponteiro-direito Zé Guimarães era tido como diferenciado.

Cilinho, treinador que havia sido contratado pelo São Paulo, teve percepção que Bernardo poderia evoluir pela característica de condutor de bola e estatura de 1,87m de altura, ade-

quada à bola aérea. Assim ele se juntou aos jogadores Muller, Pita, Silas, Careca e Sidnei Trancinha, que conquistaram o Campeonato Brasileiro, porém com Pepe no comando técnico.

Pode-se dizer que as passagens de Bernardo pelo alemão Bayern de Munique e japonês Cerezo Osaka serviram para ampliar relacionamento com europeus e asiáticos. Considerando-se o bom trânsito com clubes brasileiros, ao jogar no Vasco, Santos e Corinthians, decidiu continuar no futebol como empresário, após pendurar as chuteiras em 1997, no Atlético Paranaense.

A influência dele em São Paulo facilitou o ingresso do filho Bernardo Júnior na categoria infantil. E não houve abatimento familiar com a dispensa, pois a re-colocação foi imediata no Audax, e posteriormente no Rasen Leipzig, da Alemanha.

Bernardo teve rota de colisão com o São Paulo em 2013, quando acumulava a função de vice-presidente do Grêmio Prudente. Na época, acusou o tricolor paulistano de aliciar o jogador Paulo Henrique, de 16 anos, vinculado àquela agremiação, para que assinasse o primeiro contrato profissional. O ofício foi encaminhado à ABEX (Associação Brasileira de Executivos de Futebol).

### Mário Tech



Na última segunda-feira, dia 22, quem completou mais um ano de vida e muita saúde foi o sr. Mário Tech! Comemorou seus 92 anos com muita alegria, recebendo todo carinho de sua família! "Tê-lo em nossas vidas já é o maior motivo de comemorarmos. Nosso exemplo de homem, marido, pai, sogro e avô!" Parabéns, Mário Tech! Muita saúde e felicidades!

### TROVINHAS

Não há palavra nenhuma tão grande quanto saudade, que em sete letras resume a dor e a felicidade.

Ah, coração, tenha piedade, não bata tão forte assim, vai acordar a saudade que dorme dentro de mim.

## Atitudes diante do sofrimento

Silvio Lopes Peres

Na vida há sofrimentos insuperáveis. É verdade, existem sofrimentos permanentes.

O pior deles é sentir a morte de um ente querido. Mas, também há outros que duram muito tempo, às vezes, para sempre: o divórcio, a distância física da pessoa amada, um assunto pessoal ou familiar que volta à baila sempre de tempos em tempos, momentos e modos inapropriados, não solucionados.

Há ainda aquelas questões estabelecidas por nossos pais e/ou pelas mães, as quais tentaram resolvê-las, mas sem sucesso, e, como que nos sentimos seus "herdeiros". Refiro-me às visões de mundo que os deixavam afetados ou os inquietavam, porém, as internalizamos, apesar de sentirmos que não nos pertencem, mas as assumimos como se fossemos responsáveis por elas.

E, o que dizer dos sofrimentos que ignoramos a sua origem, como se fosse um "destino"; de uma doença incurável; de uma relação não ou mal resolvida, que criou raízes de ressentimentos e desejos de vinganças, às vezes, motivadas pela intolerância e ódio, que passam por gerações; e, aqueles estabelecidos pelas injustiças sociais, eco-

nômicas, raciais, políticas, sexuais, étnicas, educacionais, religiosas, devido tão somente das condições históricas do País?

Parece que o jeito é encontrar novos modos de continuar a viver, mesmo sentindo a permanência dos sofrimentos. E, não adianta perguntar, por que – simplesmente, eles não passarão; os carregamos como resíduos.

Nessa condição, temos de saber para onde.

Não é para um lugar externo, mas para dentro de nós, isto é, assumindo-os como sendo nós mesmos. Somos nossas feridas! Elas exigem nossa atenção e cuidados!

Precisamos assumir nosso lugar junto de nós mesmos não com autoidulgência, nem como um problema a ser resolvido por outras pessoas, mas com humildade e honrados de cuidar de nós mesmos.

Um cuidado, que é realizado como um "banco a si próprio", mesmo que isso contraria a alguém, a alguns ou a muita gente.

É o medo de "banco a si mesmo" que tenta nos impedir nessa tarefa. Mas, internamente passamos a sofrer com a "pressão" do quanto algo precisamos fazer por nós mesmos.

Quanto mais energia gastamos para "segurar a pressão", mais nos desestruturamos como indivíduos únicos e dotados de capacidades combativas que, se foram vivenciadas, empreendem um dinamismo bem diferente e mais harmonioso com quem somos, de verdade.

Até quando fugiremos de nós mesmos? O que nos impede de tentar assumir quem somos, apesar de todos as dores sofridas?

Não se trata de agir obstinada e teimosamente! Trata-se de se dirigir pela reflexão, com sen-

satez racional, lembrando do seguinte: "Quase todo neurótico gosta demais de ficar preso a seus sofrimentos passados", conforme C. G. Jung, "remoendo suas recordações cheio de autocompaixão. Muitas vezes sua neurose consiste no fato de estar preso ao seu passado e querer justificar tudo pelo que ocorreu no passado" (A prática da psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 1991: 29).

(Silvio Lopes Peres – Psic. Clínico – CRP 06/109971 – Candidato a Analista pelo Instituto de Psicologia Analítica de Campinas (IPAC), membro da Associação Junguiana do Brasil (AJB), ambos filiados à IAAP – International Association for Analytical Psychology (Zurique/Suíça) - Fones: (14) 99805.1090 / (14) 98137.8535)

### Crônica dos acontecimentos escolares

Letterio Santoro



OUTUBRO

Outubro, 10. Confessarei a outros as conversas íntimas que tenho mantido com Maria Clara sobre nosso futuro depois de casados? Vá lá! Vá lá! Que afinal falar dos próprios sonhos a outrem pode até ser bom. Imagine o leitor um fundo musical com sinfonias de Vivaldi, leves, ternas, sutis, caprichosas no ambiente. Os dois a provar um chopinho sem compromisso num fim de tarde de sábado. Assunto: nosso futuro depois do casamento.

Maria Clara, cheia de graça, os olhos perdidos nos meus, uma mão presa em minha mão, tinha uma voz que cantava aos meus ouvidos feito ribeirão delicado. E falávamos de nosso presente, bonito e duro, cheio de apreensões e de esperanças; e pensávamos em nossos filhos que, a seu tempo, hão de vir. Como virão? Que mundo acharão? É gostoso incursionar pelo futuro, pelos campos indefinidos, inconsistentes do futuro, onde a fantasia, sem o peso da realidade, vai edificando castelos e adivinhando mundos inexistentes.

E esses mundos e esses castelos e esses sonhos iam brotando de nosso coração como as águas frescas de fonte de montanha. Ela e eu ali a olhar do presente para o futuro, do concreto para o abstrato, para o sonho sob a inspiração de carícias suaves que nosso amor exige. As carícias, por paradoxal que pareça, são ao mesmo tempo causa e efeito do amor, da confiança recíproca. Por elas acontece a comunhão das almas, e a comunhão, aspirando ser completa, investiga o sonho, o ideal do futuro. Como serão os filhos? Que delícia se pudessem não passar pelas amargas experiências por que passamos todos! O que seria mais importante para eles: não passar pelo que passamos ou despertar para a liberdade? Para ambos parece que a liberdade tem mais valia.

Sempre haverá um Romão na vida da gente a exigir, em contraposição, a ousadia, a independência e a liberdade de um filho de Deus. A ideia de liberdade para mim e Maria Clara vai-se tornando um ideia central, que merece mais respeito que as demais ideias. É gostoso ver como nós dois nos aproximamos do casamento à medida que nos sentimos se identificam. Ao final do papo, tomei-lhe ambas as mãos, apertei-as nas minhas, olhamo-nos perdidamente, como a confirmar as conclusões comuns, e beijamo-nos. Maria Clara foi a joia mais preciosa que eu achei, e por ela não duvido em perder o resto. Um rastro de silêncio ao final acompanhou

nossos passos!

Outubro, 13. Há quem goste de viver em apertos. Apertos de todo tipo. Como uma colega da Secretaria que, segundo me contaram os amigos, vem complicando a vida. Compra e não paga: as cartas das lojas que o digam. Até o ponto de ficar sem os móveis, porque as firmas os buscam. Aluga a casa, não paga o aluguel. E aí toca arranjar casa nova para novo aluguel que não será pago uma vez mais. Em momentos de extremo apuro apela para a aventura de usar dinheiro da escola. Uma loucura. E que sorriso sempre nos lábios! Eu me veria perdido em meio a credores, cartas convocatórias, batidas de campanhas, ligações inesperadas (ou mais do que esperadas). E a companhia não extravasa um susto. Ao contrário, vive com histórias de fazendas na boca, como a provar a si e a todos que mais vale a fantasia que a realidade. O espírito voga por amplos céus, por galáxias infinitas como a protestar contra o cubículo apertado, contra a circunstância miúda a que o pobre corpo é condenado. É a compensação.

E creio não errar ao concluir que quanto mais apertada a vida, quanto mais impossíveis são as condições, mais o espírito se afasta para os infinitos do sonho nas asas da fantasia. E nem te ligo para as cartas de cobrança, nem te ligo para as visitas incômodas dos donos das casas, nem te ligo para os móveis que saem como entram. E a companheira da Secretaria faz de conta que não sabe que os outros comentam a sua situação entre si, à boca pequena. Finge não enxergar o jeito malicioso de olhar de seus ouvintes, quando fala nos parentes ricos e suas fazendas sem fim. Recebe sem hesitação a correspondência que lhe chega das grandes lojas solicitando seu comparecimento.

E continua seu trabalho, indiferente a tudo e a todos, possivelmente imaginando novas formas de comprar sem pagar, de usufruir por certo tempo de móveis que depois um caminhão vem retirar. Apesar de tudo, feliz por viver diante dos outros como uma criatura normal, que sonha com sua casa própria, com seu carro, com seus vestidos da moda. Parece mais com aquele mendigo que habita em casa abandonada, não tem nada em casa e vive proclamando aos desconhecidos uma situação de vida que não existe em sua fecunda imaginação. Como o mendigo, a companheira prefere os apuros a contar a real condição.